



artigo

na pesquisa com bebês, experiências afetivas e poéticas

autoras

daniela guimarães

professora associada da faculdade de educação, universidade federal do rio de janeiro, brasil

e-mail: danguimaraesufrj@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7358-230X>

natasha pitanguy de abrantes

doutoranda do programa de pós-graduação em educação da universidade federal do rio de janeiro, brasil

e-mail: naty_abrantes@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-1347-6398>

editora: fabiana martins

<https://orcid.org/0000-0003-1749-0547>

doi: 10.12957/childphilo.2025.90575



resumo

Este trabalho é efeito de uma dissertação de mestrado concluída e tem como objetivo discutir possibilidades afetivas e poéticas da pesquisa com bebês, tanto no que se refere às experiências nas interações professora-pesquisadora com os bebês no campo, quanto no processo de escrita da pesquisa. O percurso metodológico foi vivido na cartografia dos encontros sensíveis entre adultos e bebês no contexto de uma creche carioca, tendo em vista mapear afetos de vitalidade e sintonias afetivas experienciados nos contatos cotidianos. Na pesquisa inventamos a expressão “uma cartografia em dois tempos” para tratar da especificidade do arranjo metodológico criado. O primeiro tempo da pesquisa aconteceu na referida creche, em uma turma com bebês, expondo o caminhar na fronteira pesquisadora e professora. O segundo tempo da pesquisa aconteceu no ano seguinte e foi marcado pelo saltar da pesquisadora no encontro com os registros e na criação de escritas. Nesse sentido, na interlocução com Ingold, propusemos a pesquisa como um caminhar atencional. O diálogo com Daniel Stern no campo da Psicologia e com Gilles Deleuze no campo da Filosofia configuram o referencial teórico central, contribuindo na discussão das intensidades dos trajetos compartilhados, além das possibilidades do devir-criança/bebê na pesquisa. No

exercício da escrita expõe-se o movimento inventivo da pesquisadora, no esforço de conexão com os bebês, em seus modos multisensoriais de expressão, concretizando, no texto, o tempo alongado dos encontros e a partilha de um sentir com os bebês.

palavras-chave: bebês; afeto; docência; devir-criança.

in research with babies, affective and poetic experiences

abstract

This work is the result of a completed master's dissertation and aims to discuss the affective and poetic possibilities of research with babies, both in terms of experiences in teacher-researcher interactions with babies in the field, and in the process of writing the research. The methodological path was lived in the cartography of sensitive encounters between adults and babies in the context of a daycare center in Rio de Janeiro, with a view to mapping the feelings of vitality and affective syntones experienced in everyday contacts. In the research, we invented the expression "a cartography in two stages" to address the specificity of the methodological arrangement created. The first stage of the research took place in the aforementioned daycare center, in a class with babies, exposing the researcher-teacher journey on the frontier. The second stage of the research took place the following year and was marked by the researcher's leap into the encounter with the records and the creation of writings. In this sense, in the dialogue with Ingold, we proposed the research as an attentional journey. The dialogue with Daniel Stern in the field of Psychology and with Gilles Deleuze in the field of Philosophy configure the central theoretical framework, contributing to the discussion of the intensities of shared paths, in addition to the possibilities of becoming-child/baby in research. The writing exercise exposes the researcher's inventive movement, in the effort to connect with the babies, in

their multisensory modes of expression, concretizing, in the text, the extended time of the encounters and the sharing of a feeling with the babies.

keywords: babies; affection; teaching; becoming-child.

en investigaciones con bebés, experiencias afectivas y poéticas

resumen

Este trabajo es resultado de una tesis de maestría y tiene como objetivo discutir las posibilidades afectivas y poéticas de la investigación con bebés, tanto en términos de experiencias en las interacciones docente-investigadora con bebés en el campo, como en el proceso de escritura de la investigación. El camino metodológico se experimentó en el mapeo de encuentros sensibles entre adultos y bebés en el contexto de una guardería de Río, con miras a mapear afectos de vitalidad y sintonías afectivas vividas en los contactos cotidianos. En la investigación inventamos la expresión "cartografía en dos etapas" para atender la especificidad del arreglo metodológico creado. La primera parte de la investigación se desarrolló en la mencionada guardería, en una clase con bebés, exponiendo la frontera investigadora y docente. La segunda fase de la investigación tuvo lugar al año siguiente y estuvo marcada por el salto del investigador al encuentro de los registros y la creación de escritos. En este sentido, en el diálogo con Ingold, propusimos la investigación como un viaje atencional. El diálogo con Daniel Stern en el campo de la Psicología y con Gilles Deleuze en el campo de la Filosofía configuran el marco teórico central, contribuyendo a la discusión de las intensidades de los caminos compartidos, además de las posibilidades del devenir-niño/bebé en la investigación. En el ejercicio de escritura, se expone el movimiento inventivo de la investigadora, en el esfuerzo por conectar con los bebés, en sus modos multisensoriales de expresión, percatándose, en el texto, del tiempo

prolongado de los encuentros y del compartir de un sentimiento con los bebés.

palabras clave: bebés; afecto; enseñanza; devenir-niño.

na pesquisa com bebês, experiências afetivas e poéticas

“Des-apaixonar” o conhecimento não nos dá um mundo mais objetivo, apenas nos dá um mundo “sem nós”; e, conseqüentemente, “sem eles” – as linhas são traçadas com muita rapidez. E, porquanto este mundo apareça como um mundo “com o qual não nos importamos”, ele também se torna um mundo empobrecido, um mundo de mentes sem corpos, de corpos sem mentes, corpos sem corações, expectativas, interesses, um mundo de autômatos entusiastas observando criaturas estranhas e mudas; em outras palavras, um mundo mal articulado (e mal articulador).

Vinciane Despret (2004, p. 131)

introdução

O objetivo deste trabalho é discutir possibilidades poéticas da pesquisa com bebês, no contexto de uma dissertação de mestrado concluída, tanto a partir da experiência no campo, nas interações entre a professora-pesquisadora e os bebês, quanto no processo de escrita da pesquisa. Inspiradas na epígrafe acima, consideramos a qualidade engajada, participativa e alteritária da pesquisa em Educação e, neste caso, de modo particular, a pesquisa com bebês. Trata-se de levar em conta as possibilidades de sermos pesquisadoras *com* os bebês na constituição de disponibilidade corporal, atenção conjunta e na perspectiva do envolvimento e da responsividade.

Inicialmente, discutiremos o panorama das pesquisas com os bebês no cenário da Educação no Brasil, explicitando o desafio de capturar sentidos nas relações, de modo especial pela qualidade não verbal nas experiências compartilhadas. Nesse plano, a partir de cenas do campo desta pesquisa, problematizaremos definições etárias e prescritivas de *ser bebê*.

O estudo aqui apresentado aconteceu ao longo de dois anos, sendo o primeiro deles no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro, composto por 19 bebês de 6 meses até 1 ano e 11 meses e 6 profissionais de Educação Infantil¹, dentre eles a pesquisadora-professora. Inventamos a

¹ Na pesquisa de mestrado escolhemos utilizar a expressão “profissionais de Educação Infantil” para trazermos à cena todos os adultos que compartilharam o educar-cuidar com a pesquisadora-professora na creche. No município em tela, o trabalho nas creches é vivido com profissionais que ocupam diferentes cargos, salários, carga horária e atividades dispostos em documentos reguladores. A opção por nomeá-los por uma única expressão — profissionais de Educação Infantil — tem para nós o sentido de reconhecer como plano comum a função de educar-cuidar bebês e crianças e a responsabilidade compartilhada.

composição pesquisa-docência e, conseqüentemente, pesquisadora-professora, para nomear uma singularidade no arranjo metodológico da pesquisa. Uma das autoras deste trabalho viveu no percurso da pesquisa de mestrado o “duplo” lugar pesquisadora e professora. A opção pelo hífen se apresenta como uma via no enfrentamento de um binarismo empobrecedor — ou isto ou aquilo. O hífen, para nós, comporta a dimensão da composição e, no diálogo com Deleuze e Guattari (1997b), entendemos que sublinha não formas ou substâncias, mas o que se passa entre os diferentes corpos. Diferentes nuances, dinâmicas e tensões dessa composição comparecem neste artigo.

Em um primeiro momento, a professora-pesquisadora experimentava a produção de registros de seus encontros sensíveis com os bebês, indagando como eles a afetavam e como ela os afetava, considerando a experiência multissensorial dos contatos diários. Em um segundo momento, houve um rastreio nos arquivos produzidos, na coleção de registros, a partir do qual diferentes organizações e sentidos despontaram; a saber, o olhar como toque, as brincadeiras dos bebês e bonecas-bebês, os contextos mobilizadores de afetos vitalísticos.

Neste trabalho, apresentaremos as proposições da Cartografia, metodologia do estudo, como oportunidade de *caminhar com* os bebês, seguir seus trajetos e construir com eles sentidos nas relações. Nessa linha, trata-se de focalizarmos o devir-criança, desde os bebês, na pesquisa, ensejando linhas, forças, afetos. Enfim, traremos extratos das escritas do campo, nas quais é possível perceber o movimento intensivo dos encontros dos bebês com a professora, discutindo como o da dimensão processual e afetiva da relação adulto/bebê pode ser exposta em um texto no qual se concretizam a presentidade, os trajetos e os devires das interações, a poesia.

bebês e pesquisa: constituindo visibilidades

A pesquisa com bebês, atualmente, apresenta-se como fértil desafio no campo da Educação. Por um lado, identifica-se a invisibilidade dos bebês nas pesquisas em diversas áreas do conhecimento (Gottlieb, 2009; Buss-Simão; Rocha; Gonçalves, 2015). Gottlieb (2009) identifica a invisibilidade dos bebês na literatura antropológica e aponta algumas possíveis razões; dentre elas, a aparente não capacidade de comunicação dos bebês e suas rotinas ligadas às mulheres, também

negligenciadas por largos períodos como sujeitos sociais. Na trilha de investigar para onde foram os bebês nos estudos antropológicos, propõe-se uma busca pelos bebês pesquisando como eles são concebidos fora de uma convenção cultural do Ocidente, ou seja, situando-os culturalmente. A autora sugere a necessidade de considerá-los sujeitos importantes no campo dos estudos da Antropologia. Para além da busca pelos bebês, emerge uma busca antropológica pelos seus cuidadores, sublinhando a dimensão relacional da vida dos bebês.

Gottlieb (2009) chama a atenção para um modo contextual de conceituar o *ser bebê*, colocando luz sobre os sentidos culturais, extravasando o ideário de um contorno etário absoluto, proposto por uma psicologia que postula o desenvolvimento como biologicamente determinado e, ainda, o bebê como um “pacote biológico”. Ela destaca que, desde o início da vida, “os bebês demandam serem levados em conta, embora adultos não interpretem essa demanda de maneira acurada” (Gottlieb, 2009, p. 9), o que exige aprender uma nova linguagem e buscar outras formas de comunicação que não a verbal: modos de estar em relação que considerem as maneiras “exóticas” de comunicação dos bebês, suas comunicações somáticas e seus modos de existência próprios.

No que concerne às pesquisas do campo da educação das crianças de zero a seis anos de idade, Buss-Simão, Rocha e Gonçalves (2015) destacam a baixa atenção dos pesquisadores brasileiros; talvez porque a Educação Infantil seja um campo de institucionalização recente. Pontuam que, embora ao longo dos anos tenha havido um aumento no número de pesquisas, a atenção recebida, no comparativo entre um conjunto de produções acadêmicas na pós-graduação brasileira, é pouca. No recorte da creche e dos bebês, o cenário de invisibilidade é ainda pregnante, não comparecendo como preocupação nacional.

As autoras mapearam a produção científica dos anos 2003 a 2013 sobre as crianças de zero a três anos de idade em um levantamento dos trabalhos apresentados no GT07: Educação de crianças de 0 a 6 anos, nas reuniões da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Como resultado, encontraram 23 trabalhos que se ocupavam das crianças de zero a três anos e da creche, de um total de 175 trabalhos apresentados. As autoras afirmam que, apesar do quantitativo de trabalhos reduzido em comparação ao total, tem havido uma crescente preocupação da área em relação ao lugar da creche e dos

bebês e crianças pequenas. Inclusive, os trabalhos do campo têm crescentemente apontado para *o que podem* os bebês e suas formas de comunicação, de compreensão do mundo e de participação nas relações sociais.

Castelli e Delgado (2017), na discussão sobre diferentes perspectivas da relação dos bebês com os adultos na realidade brasileira, afirmam que as experiências de educação e cuidado de bebês foram constituídas pela cultura branca e europeia, ainda que abasileirada. Nesse cenário, a concepção era a de um bebê privado que tinha como parceiro a mãe. Não se prezava a relação dos bebês entre si, com outras crianças, e deles com outros adultos, diferentemente do que ocorre em comunidades africanas, indígenas e não industrializadas, nas quais há um compartilhamento múltiplo no brincar e cuidar. As autoras sublinham que outras relações podem acontecer: pode-se aprender com outras culturas; estranhar nossas práticas enraizadas; romper lógicas; e construir novos modos de pensar as instituições de Educação Infantil. Elas argumentam que “perceber outras realidades, identificar as concepções acerca dos bebês e prestar atenção em suas ações são condutas que permitem conhecê-los melhor, lutar por seus direitos e propor práticas que salientem e potencializem suas capacidades” (Castelli; Delgado, 2017, p. 375).

Silva e Neves (2020) referem-se ao percurso de constituição de um campo de estudos sobre bebês motivado pela crescente inserção deles em contextos coletivos de cuidado e educação nos últimos anos. A partir da análise de uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo foi compreender a constituição de um campo de estudos sobre bebês e a educação de bebês em creche no Brasil, as autoras sugerem que é necessário problematizar a categoria bebê, para que a compreensão sobre eles avance em relação à noção de agrupamento etário, considerando o que os bebês fazem juntos.

De acordo com Silva e Neves (2020), os textos das pesquisas não expõem uma preocupação com um calendário de idades rígido na conceituação de *ser bebê*. No entanto, no campo da legislação, a questão etária permanece definindo o ser e o não ser bebê. Na Base Nacional Comum Curricular, por exemplo, os bebês são compreendidos até o limite etário de 18 meses. Enquanto isso, no município em que realizamos a pesquisa aqui discutida, o agrupamento berçário é composto pela faixa etária de 6 meses a 1 ano e 11 meses.

Ser bebê, ser neném. Se em um primeiro olhar a turma pesquisada era a turma dos bebês, um olhar atencional observa que o ser bebê e o ser neném extravasam os contornos de uma organização etária, prescrita pelas ordenações legais. A idade não é um único marcador e, além disso, há imaginários sociais e culturais que cercam bebês e que operam na relação com eles, dentre eles; por um lado, a perspectiva da falta e, em um outro prisma, a perspectiva que reconhece o bebê no lugar de potência (Guimarães, 2011).

Em maio recebemos dois novos bebês na turma: Iago² e Marcos, irmãos gêmeos.

Na ocasião, estavam com 7 meses. Eram não só os mais novos, recém-chegados, mas também os mais novos de idade.

Melissa, um pouco mais velha, vira e mexe se aproximava deles. A meu ver, parece que a menina buscava modos de estar com eles, cuidando e transmutando o “ser e não ser” bebê em ato.

Cena³ de maio de 2022

Certo dia, a aproximação de Melissa foi acompanhada do desejo de oferecer colo a Iago. Próxima a mim, que acompanhava e fotografava, estava também Rebeca, uma das profissionais de Educação Infantil da turma.

Ao perceber o desejo expresso na ação de se aproximar de Iago e tentar se encaixar, Rebeca ajudou Melissa em sua empreitada de dar colo a Iago, perguntando, nomeando, sustentando...

A menina dedicou olhares, vocalizou, sorriu. Seus olhos se apertaram e seu sorriso ficou mais largo quando Iago também olhou em seus olhos.

Cena de junho de 2022

Constitui-se um desafio compreender os sentidos sobre o que significa ser bebê de modo contextual. Para Silva e Neves (2020, p. 8), a concepção de bebê “envolve a compreensão de um ser humano que instaura e atualiza o mundo como lugar do novo, do desconhecido, a ser explorado, conquistado, apropriado, transformado”. Elas chamam atenção para a simultaneidade entre potência e vulnerabilidade, características que compõem suas concepções de bebê. Potente porque, desde o nascimento, os bebês atribuem e criam sentidos para os acontecimentos; e vulnerável porque é dependente e demanda atenção dos adultos que dele cuidam e educam.

² No percurso da pesquisa, em diálogo com Kramer (2002), considerando os tensionamentos a respeito da ética na pesquisa, foi decisão das pesquisadoras apresentar bebês e profissionais de Educação Infantil com nomes inventados e ocultar o nome da creche.

³ A proposição “cena”, que comparece ao longo da pesquisa institucional, é para nós a que melhor comporta a dimensão do entre, distanciando-se do foco aos polos — não se trata de um foco no adulto e nem no bebê isoladamente, mas sim de uma atenção ao que ocorre no encontro.

Nas linhas que se seguem, no enredamento com as cenas acima, tensionamos, com episódios da creche, a categoria “bebê”, considerando a sua fluidez. Em outras palavras, coloca-se luz sobre os modos de agir nas relações que “não acontecem de modo natural, mas são atravessadas pelas concepções e práticas que estão presentes na sociedade” (Coutinho, 2017, p. 41). Reconhece-se a criança, desde bebê, como ator social, que sofre influências da sociedade assim como age nela, em situação de interdependência com outras crianças e com os adultos (Coutinho; Rodrigues, 2021).

Nesta pesquisa, *neném* era a palavra mais usada pelos bebês da turma tanto na relação com bonecas (que personificam bebês nas imitações cotidianas) quanto na relação com outros bebês da turma — mais novos e/ou menores, especialmente. Mas as relações que parecem comportar a dimensão do ser e não ser bebê e *neném* extrapola a palavra. Sim, a palavra “*neném*” acompanha alguns desses encontros, significa e ajuda a atribuir sentidos, mas há algo, muitos outros microgestos, posturas, que prescindem da palavra nesta profusão de sentidos.

Dar colo, ninar, alimentar, amamentar uma boneca-bebê são exemplos de transmutação, de poder ser outro enquanto se é bebê cronologicamente. Aproximar-se; colocar a chupeta que estava pendurada pelo cordão na boca; oferecer mamadeira com água posicionando-a na boca; balançar um bebê conforto enquanto um dos bebês dorme no solário; oferecer um brinquedo; tentar dar colo buscando modos de se encaixar e encaixar no encontro com um bebê mais novo da turma; tudo isso pode ser compreendido também como modos de poder ser outro enquanto se é bebê cronologicamente. Correr, ao final do dia, para o colo da mãe ao vê-la chegar e, em seguida, ir em busca do peito, é também um exemplo da vitalidade que comporta o ser e o não ser bebê e *neném*.

Um importante desafio que muito nos provoca no mapeamento das pesquisas com bebês diz respeito à demanda pela construção de metodologias afinadas com seus modos de expressão, de caráter não verbal e afetivo. Como dar visibilidade ao tempo alongado das interações miúdas que envolvem olhar, tocar, deslocar-se, sorrir, chorar?

A complexidade de captar os microgestos dos bebês e suas experiências nos cotidianos nas instituições de Educação Infantil demanda esforços éticos e metodológicos específicos, próprios. As pesquisas com bebês no Brasil têm

adotado, com força, áudios, vídeos e fotografias como métodos de acompanhamento dos bebês, suas ações, expressões e relações no cotidiano. A observação prolongada e os diversos registros têm também comparecido como modos de pesquisar, modos de acompanhar, modos de construir conhecimento. Trata-se do desejo de captar as múltiplas formas de ser bebê e de um esforço de aproximação do *modo bebê*.

Na pesquisa que se desdobrou neste artigo, o dispositivo celular e os consequentes vídeos e fotografias permitiram um acompanhamento minucioso do cotidiano, dos bebês e das relações. Era quase sempre possível tê-lo por perto — em mãos, guardado na roupa ou na bancada da sala, o que possibilitava um acesso rápido. As fotografias e vídeos permitiram capturar com detalhes as miudezas dos encontros que se davam em presentidade, compondo com o corpo da pesquisadora-professora o movimento de seguir os bebês, um gesto metodológico da pesquisa.

A presença do celular como dispositivo de pesquisa exigiu cuidados éticos que dizem respeito a perceber quando os bebês demonstravam sentir conforto ou desconforto, indicando se poderíamos ou não continuar a filmar e/ou fotografar. Essas sutilezas contam sobre a construção de uma relação e sobre a responsividade como princípio ético da relação que implica responsabilidade e resposta na relação com os bebês.

Um dos bebês, Murilo, em alguns momentos, costumava parar o que estava fazendo, olhando em direção à câmera, ao perceber-se filmado ou fotografado. Ao notar o seu desconforto, comunicado na interrupção da ação e no olhar para a câmera, a captura de imagem era interrompida, garantindo sua privacidade. Era comum situações de fala da pesquisadora-professora em composição com outros modos não verbais acompanhando as ações da pesquisa-docência com bebês. Outros movimentos dos bebês, tais como a busca por observar as imagens no celular, acompanhar os registros em tempo real, os olhares partilhados, sugeriam a participação e a disponibilidade corpóreo afetiva dos bebês na docência e na pesquisa.

Enfim, a presença da discussão epistemológica sobre o estatuto do bebê nas pesquisas brasileiras, especialmente no terreno da Educação, nos espaços das universidades e das políticas, é um ato de resistência em um contexto de desmonte

das políticas de creche; dentre elas, a supressão de berçários em creches públicas municipais e a ampliação de convênios com a esfera privada. Valorizar a pesquisa relacional com os bebês, no contexto da educação, é uma ação de luta na construção de visibilidade para as crianças de 0 a 3 anos e suas professoras.

cartografia e pesquisa com bebês: caminhos possíveis

A cartografia emerge como caminho profícuo para acompanhar os bebês em seus microgestos e em seus modos singulares de se expressar nos espaços coletivos institucionais, constituindo possibilidades e *modos de ser* bebê, mais do que definições e categorizações estanques sobre bebês em suas faixas etárias. Esse modo de análise se apresenta como uma possibilidade de visibilizar os bebês, as suas *perambulações* (Rodrigues, 2020) e as linhas que traçam em seus encontros cotidianos.

Podemos dizer que acompanhar os percursos dos bebês constituiu-se como cartografar intenções, caminhos, movimentos. Passos, Kastrup e Escóssia (2009) traçaram pistas que explicitam a experiência do cartógrafo. A cartografia implica uma reversão metodológica ao apostar em um método para ser experimentado, e não aplicado. Pressupõe a inseparabilidade entre conhecer e fazer. Assim, torna-se necessário: “praticar, ir a campo, seguir processos, lançar-se na água, experimentar dispositivos, habitar um território, afinar a atenção, deslocar pontos de vista e praticar a escrita, sempre levando em conta a produção coletiva do conhecimento” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 203).

Na pesquisa aqui em cena, a cartografia delineou o acompanhamento das miudezas dos encontros entre bebês e entre bebês e adultos em uma creche pública carioca. Denominamos o processo de *uma cartografia em dois tempos* para tratar do arranjo metodológico criado. No primeiro tempo, na creche, com os bebês, o caminho aconteceu na fronteira (ou melhor seria dizer, em composição) entre pesquisadora e professora. Foram organizados dispositivos (cenários/contextos) mobilizadores da pesquisa-docência; ao mesmo tempo, os encontros foram acompanhados com registros densos. No segundo tempo cartográfico, no ano seguinte, houve um trabalho com o acervo de registros, no qual a dimensão pesquisadora ganhou mais evidência. Os registros foram mapeados, organizados em diferentes constelações, acompanhados em suas intensidades, analisados,

cotejados entre si, categorizados e distendidos sob a forma de uma *escrita afetiva, inventiva e poética*. Esses modos de expressão de forças e de sentidos foram tentativas de expressar *partilhas de um sentir* entre pesquisadora-professora e bebês na creche.

Na interlocução com Rodrigues (2020), ao tratar de um *modo bebê* de caminhar/viver, o perambular, seguimos os bebês na ocupação do espaço, na vivência de encontros e nos processos de descoberta, de constituição de si e de experimentação de abertura às rugosidades do entorno. Propusemos uma *pesquisa perambulante*, diante do desafio de acompanhá-los. O perambular acompanhou a pesquisa, qualificando-a, e esta colocou-se, então, como um divagar que se permitia *estar com* na relação com os bebês. Nessa experiência de processos de descoberta e de constituição dos bebês com a professora-pesquisadora, mergulhamos em mundos comuns.

A discussão sobre acompanhar processos e perambular nos aproxima de Ingold (2015) e sua reflexão sobre o caminhar no labirinto. O autor afirma que o caminhar oferece o sentido da educação como “levar para fora”, para o mundo, em alternativa a um modelo de educação que inculca o conhecimento “dentro das mentes”. Convida-nos a seguir o caminho deslocando a ênfase da intenção previsível do viajante para a atenção. O autor traz a imagem de crianças caminhando – com pressa, tranquilamente, saltitando e tendo sua atenção capturada pelo que se revela ao longo da trilha, do labirinto: luzes, sombras, pássaros voando, cachorros latindo, cheiros.

Ingold (2015) argumenta que, quando crescemos e tornamo-nos adultos, as ruas já não são mais vistas como um labirinto. Nosso andar passa a ser carregado de intenções e, talvez, a maior delas seja deslocar-se de um ponto a outro, chegar em algum lugar, sem a permissão de ser levado pelo caminho. No contraponto, no caminhar, sem uma chegada prefixada, trata-se de afinar a atenção, reconectar-se com o sentir, abrir os olhos e todo o corpo para as miudezas que surgem no caminho, estar em presença. Nas suas palavras: “você tem que prestar atenção onde pisa, e, também, ouvir e sentir. Em outras palavras, seguir o caminho é menos intencional do que atencional” (Ingold, 2015, p. 27). Essa discussão é inspiradora para pensar a constituição de um arranjo metodológico nas pesquisas com bebês.

Ingold (2020) sugere que a prática do caminhar (poderíamos também dizer o pesquisar), é como uma abertura ao mundo, é tornar-se responsivo, responsável; ou seja, enquanto caminhamos, devemos ajustar nosso pé ao terreno e responder aos seus elementos, às incertezas que emergem. Trata-se de “colocar o ‘eu’ que age no meio da experiência pela qual passamos e não antes dela” (Ingold, 2020, p. 43).

Estamos nos referindo a um caminhar, a uma pesquisa que leve em conta a *atenção*. É também Ingold (2020) quem aponta para a atenção como um *alongamento da vida*. Além desse significado, “atentar” se relaciona com “cuidar”, “esperar”, “estar presente” e “acompanhar”. Para ele, “o caminhante atento ajusta seu movimento ao terreno na medida em que se desdobra debaixo de seus pés” (Ingold, 2020, p. 45), o que torna possível o alongamento da vida.

Na perspectiva do acompanhamento dos processos de interação com os bebês, no *caminhar com os bebês na creche*, desviamos de buscar regularidades no desenvolvimento de suas capacidades cognitivas; ou seja, conduzimo-nos na contramão das análises das suas estruturas de aprendizagem e de desenvolvimento tradicionais. Na perspectiva de Deleuze e Guattari (1997a), trata-se de nos aproximarmos do devir-criança, ou seja, de abrimo-nos para os acontecimentos nas/das interações, para os afetos que nos constituem mutuamente, para modos da infância que se colocam nas intensidades entre elas, as crianças, e nós, os adultos, num movimento de constante desterritorialização de formas constituídas. Para os autores citados, o devir é da ordem do desejo; ou ainda, “devir é um movimento pelo qual a linha libera-se do ponto, e torna os pontos indiscerníveis: rizoma, o oposto da arborescência” (Deleuze; Guattari, 1997a, p. 92). Podemos dizer que, com as crianças, desde os bebês, em conexão com seus afetos, desejos e movimentos, liberamo-nos das linhas que vão de um ponto a outro, explicando as formas e origens do desenvolvimento humano, e produzimos criação de percursos singulares.

Para Deleuze e Guattari (1997a, p. 95), “as criações são como linhas abstratas, mutantes, que se livraram da incumbência de representar um mundo, precisamente porque agenciam um novo tipo de realidade que a história só pode recuperar, ou recolocar nos sistemas pontuais”. Trata-se, então, de buscarmos como (re)construir histórias de nosso envolvimento com as crianças, desde os bebês, no contraponto do desenvolvimento linear e arborescente. Ou seja, mapear

em nossas relações não linearidades, etapas, origens, regularidades; mas deslocamentos e afetos.

De acordo com Kohan (2004), para além da infância como etapa do desenvolvimento, há outra infância, “que habita outra temporalidade, outras linhas: a infância minoritária [...] essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência, como criação” (Kohan, 2004, p. 63). De fato, é com essa possibilidade intensiva da infância que nos conectamos na pesquisa.

Nesse sentido, é possível dizer que o devir instaura linhas de vizinhança entre o que somos e o que nos tornamos (Deleuze, 1997). Ou seja, as crianças circulam entre o que são e os personagens ou coisas que entram em ressonância com elas. Elas desenvolvem a potência do que podem ser. Quando brincam de bruxas, de lobos, de cobras; quando brincam de que são bebês; ou quando brincam com bonecas-bebês, estão experimentando possibilidades de singularização, constituindo um grau de vizinhança em que quase não se distinguem daquilo que se tornam. Nesta pesquisa, as composições com essas experimentações estiveram muito presentes nas interações dos bebês entre si e com os adultos.

Deleuze (1997) afirma que há ressonâncias desse tipo de expressão na Arte. Para o autor, “a arte diz o que dizem as crianças [...] é feita de trajetos e devires, por isso faz mapas extensivos, e intensivos” (p. 74). Nesse campo de trajetos e percursos, a cartografia é o modo de acompanhar processos. Assim, é possível destacar na arte o movimento cartográfico; ao mesmo tempo, é possível assumir a criança cartógrafa, aberta ao plano movente de forças, aos afetos e problematizações do/no mundo, como propõem Kastrup e Herlanin (2023).

Na interlocução com os referidos autores, sugerimos a composição da pesquisa como arte e poesia, no acompanhamento das crianças, desde os bebês, em seus percursos, trajetos, ousadias e intensidades.

Para ampliar a discussão acerca da dimensão do afeto, do presente e da presença na pesquisa e no cotidiano com os bebês, trazemos para a interlocução Stern (2007). Os pequenos e significativos acontecimentos afetivos, da ordem dos segundos, que são expressões do momento presente, especialmente os cocriados e compartilhados com alguém, foram foco de seu trabalho. Na interseção com o autor, sugerimos que olhar para os encontros que se dão na creche, com as lentes

de aumento do momento presente, tomando-os de modo mais demorado e buscando os contornos dos afetos de vitalidade que os compõem, pode ser de grande valor. Uma contribuição se refere à consideração da potencialidade da experiência enquanto ela ocorre, em tempo real, no instante vivido, em presentidade. Em outras palavras, Stern (2007) trata de uma atenção que alonga o tempo e a presença, alarga os segundos ao expor os universos que neles cabem, inspirando modos de inventar gestos metodológicos.

a pesquisa como laços afetivos e a escrita vitalista

A pesquisa que sustenta a construção deste texto teve como intenção investigar os encontros sensíveis entre professora e bebês que aconteceram em uma creche pública carioca, a fim de compreender como as miudezas que se dão no entre (bebês e adultos; bebês e outros bebês) estão implicadas na invenção de si e de mundo por parte dos bebês e podem adensar as discussões acerca da construção de uma docência afetiva, o que exigiu um colocar-se em postura de aprendiz de cartógrafa, no acompanhamento atencional dos bebês, como em um caminhar pelo labirinto.

Inspiramo-nos aqui e em muitos trechos do texto na proposição de *invenção* de Kastrup (2007). Na interlocução com a autora, o termo “invenção” é mobilizado como potência que a cognição tem de diferir de si mesma. A invenção tem a ver com a colocação de problemas, no contraponto do postulado da solução de problemas. Há por todo o texto e por toda a pesquisa uma aposta na invenção e um desejo de distanciamento do modelo da representação que sugere sujeito e objeto como dados previamente e a ideia de um mundo dado, *a priori*, a se conhecer. Numa outra via, a ideia da cognição inventiva na pesquisa propõe o conhecer como fazer e como processo de invenção de si e de mundo. Nesse sentido, acompanhar processos, pesquisar-intervir, habitar um território e produzir escritas, é sempre invenção (de si e de mundo).

Daniel Stern (1991, 1992, 2007), com seus estudos no campo da Psicologia, foi um importante interlocutor no trabalho. Suas observações e análises da relação entre mãe (ou adulto cuidador) e bebê, sem tarefa predefinida, colocam uma lupa sobre a dimensão afetiva da experiência relacional, especialmente em um plano pré-verbal. Em suas pesquisas, é evidenciado um bebê multissensorial, atento aos

afetos em variação, que, desde um momento bem inicial da vida, busca, ativamente, estar com o outro, constituindo sentidos de si e do mundo. O autor expõe a perspectiva de sentidos de si e domínios do relacionar-se que coexistem e permanecem por toda a vida. Para Stern (1992), o que emerge quando somos bebês permanece em nós, adultos, embora, por vezes, nos afastemos da nossa conexão com o plano de forças e afetos. Também somos multissensoriais e sensíveis aos afetos em variação. Podemos estar com o outro amodalmente em situações de trocas afetivas.

Seu trabalho oferece importantes contribuições aos estudos do campo da Educação Infantil, trazendo novas camadas ao que é reconhecido como centralidade das *relações* no cotidiano, sublinhando o que é específico da ação pedagógica. Trata-se, nessa perspectiva, na interlocução com Stern, de considerar as relações que se dão na creche, o *estar com* no cotidiano em seus gestos miúdos e em seu caráter afetivo constitutivo.

A proposta de composição pesquisadora-professora é também ressonância dos estudos de Stern. Em uma pesquisa em que se aposta no afeto como um componente importante, estar comprometida afetivamente com o espaço, com as relações, justifica a pesquisadora-professora, envolvida com os bebês, partilhando com eles um sentir. Um dos desafios foi narrar o que a pesquisadora-professora percebe de si e da constituição de uma docência na relação com os bebês, narrar o que é sentido com eles, contar da relação e de um sentir partilhado. Trata-se de uma tarefa inventiva, responsiva e responsável de traduzir/transformar em palavras o que foi dito não só por palavras, mas comportando as miudezas e a corporeidade que se constituem entre adultos e bebês.

As narrativas de Stern, multissensoriais e transbordantes em afetos de vitalidade, se apresentaram como uma inspiração na trilha de buscar uma escrita que evidencie a partilha de um sentir, de um *estar com* afetivamente que é também um exercício afetivo, poético e metafórico, implicado com a qualidade sensível das relações e da pesquisa.

O conceito de afetos de vitalidade (Stern, 2007) trata de experiências subjetivas e consiste nas pequenas mudanças sentidas subjetivamente. Ele ganha sua expressividade em termos cinéticos e verbos no gerúndio tais como: “crescendo”, “desacelerando”, “explodindo”, “hesitando”, e pode ser sentido

como ímpeto. Esses verbos fazem parte de toda e qualquer experiência cotidiana e ocorrem tanto na presença quanto na ausência dos afetos categóricos como raiva, tristeza, alegria. Além disso, os afetos de vitalidade devolvem o tempo dinâmico à experiência e “dão ao momento presente a sensação dramática de uma história vivida” (Stern, 2007, p. 92), ou seja, uma história que é sentida e não narrada.

O livro *Diário de um bebê*, de Daniel Stern (1991), é um diário inventado, composto por materiais, em parte especulados, imaginados e reais. Foi construído considerando questionamentos comuns a respeito da vida interior de um bebê, as recentes pesquisas sobre bebês e a prática clínica. Na relação com os bebês, “somos forçados a inventar seu mundo interior” (Stern, 1991, p. 13), a atribuí-los pensamentos, sentimentos, desejos e, também, a interpretar. Essas interpretações são essenciais para o *estar com* os bebês, para a constituição da função parental, para as pesquisas, para as práticas clínicas, para o desenvolvimento do bebê, conforme nos lembra Stern; e, acrescentamos, para a constituição da pesquisa e também da docência com bebês: “imaginar o que um bebê está sentindo também é uma necessidade, tanto para você quanto para ele” (Stern, 1991, p. 14).

Uma tempestade ameaça irromper. A luz torna-se metálica. A marcha das nuvens no céu rompe-se. Pedacos do céu voam em diferentes direções. O vento ganha força, em silêncio. Existem sons inquietos, mas nenhum movimento. O vento e seu som separaram-se. Cada um sai em busca de seu parceiro perdido, desorganizadamente. O mundo está desintegrando-se. Algo está por acontecer.

A inquietação cresce. Espalha-se a partir do centro e se transforma em dor.

É em seu centro que a tempestade irrompe. É no próprio centro que se fortalece e se transforma em ondas pulsantes. Estas ondas pressionam a dor para fora, depois a puxam novamente.

O vento, os sons e os pedacos do céu são todos puxados para o centro. Ali, encontram-se uns aos outros novamente, são reunidos. Apenas para serem jogados para fora e para longe, depois sugados de volta para formarem a próxima onda — mais escura e mais forte.

As ondas pulsantes crescem para dominar toda a tempestade. O mundo todo está uivando. Tudo explode e é arremessado e então desaba e precipita-se de volta em um nó de agonia que não pode durar — mas dura (Stern, 1991, p. 36-37).

No episódio, vemos Joey, com apenas seis semanas, experienciando a fome. Um sentimento que chega, vai ganhando força e explode. Um episódio que ilustra o modo multissensorial de perceber o mundo e de afetar-se, e um bebê sensível aos *afetos de vitalidade*, desde um período bem inicial da vida.

O texto chama a atenção pela criação de uma espécie de autobiografia sentida do bebê Joey, também inventado, assim com o diário, e os cuidados para traduzir em palavras toda uma experiência não verbal. Trata-se de uma criação inventiva e responsável que toma como empréstimo os sons, imagens, movimentos, temperaturas. Ou seja, uma criação inventiva que nos inspirou nessa pesquisa, tanto no *estar com* os bebês no cotidiano quanto no movimento de debruçar sobre os registros (escritos, fotografias e vídeos), assumindo a possibilidade de, a partir deles, inventar uma outra escrita permeada de afetos que evidenciem o partilhar de um sentir nos encontros cotidianos com os bebês.

Compreendemos que trazer para a escrita da pesquisa o sentir da pesquisadora-professora na relação com o bebê é um movimento que se relaciona com o buscar o sentir do bebê, tendo em vista as ressonâncias da sintonia afetiva. Na interlocução com Stern (1992), a *sintonia afetiva* comparece como uma via central nas relações vividas e compreende uma equiparação com o estado interno do outro, expressando a qualidade do sentimento de um estado afetivo compartilhado.

Podemos dizer que o esforço de sintonia, de sentir com o outro, presentifica-se tanto no estar com os bebês no cotidiano, no campo, no primeiro tempo da pesquisa, quanto na criação de uma escrita. Não se trata somente de narrar os atos, movimentos e interesses dos bebês, mas inventar(iar) seus afetos.

Em uma manhã de sexta, Diego deita no chão, de barriga para baixo. Seu corpo todo está em contato com o chão. O chão parece tocá-lo, atraí-lo. Quais sensações que o contato com o chão provoca?

Assim como eu, José Gustavo também olha para Diego e, logo em seguida, se deita também, de barriga para baixo.

A inteireza de Diego ali deitado parece convocar José Gustavo.

Os dois ali convocam-me também. Meu olhar pousa no que acontece entre os dois. Minha atenção sintoniza-se com a atenção entre eles.

Deitados, os meninos se encontram com os olhos. Olham-se por um tempo. Trocam também sorrisos.

Diego vira a cabeça para o lado oposto. Quase que imediatamente José Gustavo vira também. Ficam um tempo virando a cabeça para um lado e para o outro. Por vezes encontrando os olhos ou a nuca do outro, vendo o outro e o espaço de um novo modo, de um novo ângulo.

Não há palavras entre os dois, mas parece haver um entendimento mútuo. Uma afinação. Uma sincronicidade. Algo se criou entre eles, através de olhares, sorrisos e movimentos em partilha. Algo se criou entre nós, ainda que eu estivesse junto de um outro modo.

Com a intenção de aprofundar as discussões sobre a criação de uma escrita afetiva e inventiva que nasce após um movimento de volta ao acervo do ano em que uma das autoras esteve como professora com os bebês, trazemos o registro acima; um registro emblemático por ressoar a dimensão coletiva da creche que se expressa no *estar com o outro* e no *sentir com o outro*, que ocorre também *entre os* bebês. Nossa pesquisa verifica que há uma mobilização adulta, ao mesmo tempo sutil e intensa, se considerarmos os contornos da presença física e da disponibilidade afetiva.

Em relação à cena acima, temos como materiais quatro fotografias e uma composição com duas fotografias e um pequeno texto. A polifonia do texto e das fotografias ajudam, assim como a memória e os afetos que emergiram naquele encontro. A pesquisadora-professora entende que buscar construir sentidos sobre o que aconteceu é produzir-se em *continuum* e criar novas histórias, possibilitadas pela ocasião da pesquisa.

Escrever é inscrever-se poeticamente e politicamente no mundo. É através da escrita da pesquisa que se faz ecoar as histórias vividas e sentidas entre a pesquisadora-professora e os bebês. Escrever neste trabalho é também inventar modos de viver a escrita — modos mais poéticos, afetivos e multissensoriais, carregando a palavra de vitalidade na trilha de ir ao encontro de traduzir as *partilhas de um sentir* entre a pesquisadora-professora e os bebês.

É importante sublinhar que, para Deleuze (1997), a escrita é uma possibilidade de devir, sempre inacabada, em vias de fazer-se, extravasando matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida. A escrita é inseparável do devir; “ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir imperceptível” (Deleuze, 1997, p. 11). Na escrita atravessada pela vida, trata-se de ir além das formas, na invenção de uma nova língua no interior da língua oficial, pela criação de sintaxe.

O desafio da escrita da pesquisa é ser atravessada pela vida que pulsa nas interações com os bebês no campo, é expressar na poesia, arte e invenção da linguagem, o tempo intensivo, longo e vivo dos encontros.

Em seguida, mais uma cena que expressa, na escrita afetiva e inventiva, um desejo adulto de buscar o sentir, de sintonizar-se com o sentir do bebê, em gestos que ensejam uma reconexão com o multissensorial e vitalístico da vida e, ainda, um esforço de traduzir em palavras as capturas atencionais de um caminhar com os bebês na creche.

Trata-se de uma cena que traz como foco um episódio de banho, situação corriqueira nos cotidianos das creches, mas que, na pesquisa, dimensionada na relação adulto e bebê, evocou a reflexão sobre uma disponibilidade corpóreo-afetiva por parte do adulto, que tem a ver com um deixar-se entrar na dança de sentimentos compartilháveis do bebê, equiparando-se com ele, o que Stern (1992) chamou de sintonia afetiva. O banho na creche pode ser entendido como um privilegiado momento de *estar com*, entre dois, em um tempo de presentidade, alongando a vida, com gestos mais lentos, duetos de olhares, atenção mútua e sentires partilhados.

Em um dia de agosto vivi com Maya Helena uma situação de banho. Minutos antes, ao perceber que a menina havia evacuado, confirmei com ela e a convidei para tomar banho. A situação de banho prolongou-se para além do gesto de “lavar o bumbum”, e esta escrita é a materialização do desejo de expressar a intensidade e a profundidade que cabem em segundos temporais, no plano cronológico.

Maya Helena estava sentada na cuba, que tinha água e espuma ocupando por volta de 1/3 da sua capacidade. Do chuveiro aberto caía água em ritmo, em forma, em temperatura, em som. Havia também um balde posicionado embaixo do chuveiro, que recebia essa água que caía.

Acompanhei Maya Helena em uma delicada coreografia com a mão no encontro com os modos de ser água. Ela levantou o braço, com a mão esticada, dançando pela água que caía do chuveiro; desceu mão e braço, sustentando o olhar, na água e no movimento, durante toda a dança. Pousou dentro do balde que continha água e uma nova dança de mão se fez, mais ligeira, convidando a água que estava dentro para se agitar, se movimentar e compor uma canção – o encontro da mão da menina, com a água e com o movimento, criou um som.

Maya Helena me olhou, percebi um também crescendo em sua expressão facial, parecia que me convidava para viver com ela essa dança. Já estava ali com ela, acompanhando-a, mas seu olhar me pareceu um convite para, a partir de agora, mergulhar na profundidade daquele microtempo, para compartilhar com ela um sentimento. Junto com o meu olhar em resposta, falei: “Que água boa, né?”, de um modo que minha voz se equiparava ao olhar e expressão facial da menina, em crescendo. A menina seguiu dançando com a água, parece que sentiu que seu afeto me alcançou, que eu também experienciei o seu sentimento, o quanto a água era maravilhosa e encantadora.

Cena de agosto de 2022.

considerações que não se pretendem finais

Neste trabalho, buscamos apresentar os desafios da pesquisa com bebês no campo da Educação, mas também no diálogo com variadas áreas de conhecimento, tais como a Psicologia e a Filosofia. A invisibilidade dos bebês na pesquisa em Educação provoca-nos no sentido de fazê-los emergir a partir do que podem, do que ensinam, do que mobilizam afetivamente em nós, adultos professoras/es, pesquisadoras/es.

Na pesquisa, a cartografia das relações da pesquisadora-professora com os bebês na creche foi fecunda, no movimento de acompanhar processos de constituição de si mesmos/as e de mundo por parte dos bebês e da professora. Na inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e produzir realidade, que marca a cartografia, foi possível viver a pesquisa como construção de modos de vida comuns entre professora e bebês. Nesse movimento, a implicação da pesquisadora (professora) foi importante no caminho de interesse e compromisso com o campo.

No curso do trabalho, caminhar com os bebês, constituir com eles atenção conjunta em presentidade foram passos teórico-metodológicos centrais no sentido de permitir a emergência dos afetos de vitalidade que compõem as relações, expondo olhares que pousam e distendem-se em sorrisos, sincronia de gestos, sintonia afetiva, afinação de sentires.

A experiência de seguir os bebês, em sintonia com seus/nossos afetos e de produzir escritas afetivas, gera contribuições para a produção da pesquisa e da docência na creche. Inventariar espaços, criar trilhas comuns, trocar e tocar com olhares, sorrisos e gestos miúdos inunda o cotidiano das relações com os bebês de vida, indicando também caminhos e desafios ainda a serem perseguidos.

referências

- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 out. 2025
- BUSS-SIMÃO, Márcia; ROCHA, Eloisa Acires Candal; GONÇALVES, Fernanda. Percursos e tendências da produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos na Anped. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 96, n. 242, p. 96-111, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/335812912>. Acesso em: 31 maio 2024.
- CASTELLI, Carolina Machado; DELGADO, Ana Cristina Coll. Entre amas de leite, especialistas, mães e creches: concepções sobre bebês no Brasil. *Educação*, Porto

- Alegre, v. 40, n. 3, p. 375-385, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.3.26831>. Acesso em: 31 maio 2024.
- COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. A experiência de ser bebê na creche: o ator social e a constituição da docência. *Humanidades e Inovação*, Tocantins, v. 4, n. 1, p. 37-45, 2017.
- COUTINHO, Ângela Scalabrin; RODRIGUES, Ana Julia Lucht. Tornar-se professora de bebês: desafios na formação inicial e na prática pedagógica. In: SANTIAGO, Flávio; MOURA, Taís Aparecida de Moura (org.). *Infâncias e docências*: descobertas e desafios de tornar-se professora e professor. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 43-70.
- DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 73-79.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1730 - Devir intenso, devir-animal, devir-imperceptível... In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997a. v. 4.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1997b.
- DESPRET, Vinciane. O corpo com o qual nos importamos: figuras do antrozo-gênese. Tradução não publicada de Maria Carolina Barbalho e Ronald João Jaques Arendt. Original: The Body we care for: figures of Antrozo-genesis. *Body and Society*, v. 10, n. 23, p. 111-134, 2004.
- GOTTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 313-336, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000300002>. Acesso em: 31 maio de 2024.
- GUIMARÃES, Daniela. *A relação entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez, 2011.
- INGOLD, Tim. O dádalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 44, p. 21-36, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/fGyCC7jgq7M9Wzds559wBv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2024.
- INGOLD, Tim. Pela atenção. In: INGOLD, Tim. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 38-58.
- KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo*. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KASTRUP, Virgínia; HERLANIN, Caio. A atenção conjunta e o bebê cartógrafo: a cognição no plano dos afetos. In: KASTRUP, Virgínia; CALIMAN, Luciana. *A atenção na cognição inventiva*: entre o cuidado e o controle. Porto Alegre: Fi, 2023. p. 298-322.
- KOHAN, Walter Omar. A Infância da Educação: o conceito devir-criança In: KOHAN Walter Omar (org). *Lugares da Infância*: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 116, p. 41-59, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200003>. Acesso em: 31 maio 2024.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RODRIGUES, Ana Julia Lucht. *Materialidade(s) e os bebês*: um estudo sobre suas ações e a construção do espaço da creche. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPR, Curitiba, 2020.
- SILVA, Elenice de Brito Teixeira; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Os estudos sobre a educação de bebês no Brasil. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 24, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.18607>. Acesso em 31 de maio de 2024.
- STERN, Daniel. *Diário de um bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

STERN, Daniel. *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

STERN, Daniel. *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

daniela guimarães

Professora Associada da Faculdade de Educação/UFRJ, Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica-Rio; Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

natasha pitanguy de abrantès

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Professora de Educação Infantil da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

como citar este artigo:

ABNT:

GUIMARÃES, Daniela; ABRANTES, Natasha Pitanguy de. Na pesquisa com bebês, experiências afetivas e poéticas. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-23, 2025. Disponível em: [inserir link]. Acesso em: [inserir data].

APA:

Guimarães, D., & Abrantes, N. P. (2025). Na pesquisa com bebês, experiências afetivas e poéticas. *childhood & philosophy*, 21, 1-23. <http://doi.org/10.12957/childphilo.2025.90575>

créditos

- **Agradecimentos:** Não aplicável.
 - **Financiamento:** Não aplicável.
 - **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
 - **Aprovação ética:** Não aplicável.
 - **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável
 - **Contribuição das autoras:** Conceitualização Redação, revisão e edição do texto: GUIMARÃES, D.; ABRANTES, N. P.; Investigação e Análise formal: ABRANTES, N. P.
 - **Imagem:** Não aplicável.
 - **Preprint:** Não houve publicação de *preprint*.
-

artigo submetido ao sistema de similaridade **plagium™**

submetido em: 10.05.2025

aprovado em: 12.11.2025

publicação: 30.12.2025

parecerista 1: anónimo; parecerista 2: ellen lima souza